

Notas e Resenhas

TOPONÍMIA DE MONTANHAS: UMA GUERRA DE CULTURAS

GEOGRAFIA, Rio Claro, v. 30, n. 2, p. 381-386, mai./ago. 2005.

INTRODUÇÃO

"Toponímia" é a palavra usada em cartografia que significa dar nomes aos acidentes geográficos. É muito possível que, a partir do momento em que o *Homo Sapiens Sapiens* desenvolveu uma linguagem mais complexa, as tribos começaram a dar nomes aos elementos mais importantes da paisagem, como as montanhas mais imponentes que dominassem o cenário local, além de rios, lagos e lagunas. Isso parece lógico porque, para passar informações precisas sobre as rotas de caça, ou de fontes de outros tipos de alimentos, ou mesmo de abrigo, necessariamente essas tribos teriam que dar nome a algum elemento da paisagem para indicar o caminho ou para localizar a fonte. As primeiras levas migratórias humanas ocorreram numa época onde não havia tecnologia e nem meios de transporte, e mesmo assim, foram poucos os lugares no planeta onde o homem não conseguiu se estabelecer, chegando neles simplesmente caminhando. O milênio passado foi considerado o período das grandes explorações geográficas e isso se deve principalmente ao desenvolvimento dos meios de transportes marítimos e também de alguns equipamentos. Porém, as explorações já existiam em tempos mais remotos e os antropólogos e historiadores usualmente estabelecem quatro períodos distintos, em função do tipo e dos objetivos das explorações, como sumariza Vesilind (1998):

- 1) Até 100 anos D.C. - nesse período, que teve início há muitos séculos antes de Cristo, vários impérios foram estabelecidos como: o Egípcio, o Fenício, o Grego, o Árabe e o Romano, entre outros menores. Porém, a limitação das embarcações que eles usavam os mantinha numa certa faixa ao longo do Mar Mediterrâneo e do Golfo Pérsico.
- 2) Entre os anos 100 e 1400 - foi o período da expansão dos grandes impérios devido à melhoria nas embarcações quando elas começaram a ser dotadas de velas e remos mais eficientes. Isso facilitou a expansão dos escandinavos, que passaram pela Islândia, Groenlândia e chegaram ao Canadá, e também beneficiou o Império Romano. Os polinésios, com suas próprias embarcações, que eram canoas duplas dotadas de velas, expandiram suas influências pelas ilhas do Oceano Pacífico. Mas em terra, os impérios também avançavam, como o Romano, o Mongol, o Maia e o Inca.
- 3) Entre os anos 1400 e 1700 - período conhecido sob o lema: "viagem por deus, glória e ouro". Esta frase retrata bem a época e foi quando os impérios europeus se expandiram e dominaram quase o mundo inteiro. Em parte, essa expansão deu-se por causa do desenvolvimento de grandes barcos dotados de velas modernas (as caravelas) e de armas de fogo (mosquetes, pistolas e canhões). Levando o nome de Deus e fogo, portugueses, espanhóis, franceses, holandeses, italianos e ingleses, dominaram pela força muitos povos que se estabeleceram muitos séculos antes, em terras de continentes longínquos, como América do Norte, América do Sul, Sul da África, Ásia e Oceania. Os europeus retornavam aos seus países levando, principalmente, ouro, prata, tecidos e algumas especiarias.
- 4) A partir do ano 1700, deu-se início ao período das grandes explorações "científicas" que se estendeu até o século XX. Nessa fase foram mapeadas terras desconhecidas com a intenção de aproveitamento econômico ou domínio estratégico – "Conhecer para ex-

plorar”, este era um dos lemas conhecidos e à frente disso estavam ingleses, franceses e americanos, além de outras nações que também contribuíram.

Em todos os continentes ocorreram várias disputas territoriais e, algumas vezes, um único país ou nação era dominado por diferentes impérios ao longo do tempo e isso desencadeava a troca dos nomes dos principais acidentes geográficos. Como as montanhas têm presença marcante na paisagem, seus nomes eram trocados de acordo com a vontade do dominador ou do colonizador. Muitas vezes podemos observar que determinadas montanhas possuem mais de um nome, o que mostra essa “guerra de culturas”. Na América do Norte, na América do Sul, na América Central, na Ásia, na África e na Oceania, as montanhas mais importantes tinham nomes dados pelos primeiros povos que se estabeleceram, porém, durante a última fase exploratória, os mapeamentos feitos pelos europeus substituíram os nomes geográficos originais por nomes de famílias européias, nomes cristãos ou outro nome que viesse da imaginação das pessoas que faziam o levantamento cartográfico. Como existem milhões de montanhas de todos os tamanhos espalhadas pelo planeta, fica difícil para os cartógrafos e geógrafos fazerem pesquisas detalhadas de campo sobre o nome de cada uma delas, assim, os técnicos davam os nomes que lhe convinham, mesmo já existindo nomes originais.

A SITUAÇÃO BRASILEIRA

No Brasil, são raras as montanhas importantes com nome originado nas línguas nativas, um dos poucos exemplos é o Monte Roraima (2.772 m). O Pico das Agulhas Negras (2.791 m), que é uma das montanhas mais conhecidas do país, tinha como nome original *Itatiaiaçu* ou *Itatiaissu*. Sendo o Sudeste a região mais montanhosa do país e dominada pelas tribos que falavam a língua Tupi, as montanhas recebiam nomes acompanhados do prefixo “ita”. Exemplos: Itaguapé (2.308 m), Itabira (715 m), Itacolomi (1.620 m) e Itambé (2.044 m), entre outras. Embora muitos dizem que a palavra *ita* quer dizer “pedra” na língua Tupi, analisando a dentro do contexto geomorfológico a melhor tradução poderia ser: “montanha dotada de vertentes rochosas”, podendo também ser um morro porque aparentemente os nativos não tinham a preocupação de classificar o relevo em função da altura ou forma.

Curiosamente, a maioria das serras brasileiras manteve seus nomes originais, provenientes de línguas indígenas diversas, como: Caparaó, Imeri, Itatiaia, Pancaraima, Paranaipiacaba e Tumucumaque, entre muitas outras. Algumas das exceções são os grandes alinhamentos de montanhas formadas por blocos falhados do Sul e do Sudeste, como é o caso da Serra do Mar, com mais de 800 quilômetros de extensão. Certamente ela recebeu muitos nomes locais e regionais, de acordo com as diversas tribos que habitavam essa vasta área. Neste caso, os técnicos tiveram que dar um nome único para toda a formação, mas vários nomes locais e regionais foram criados, entre eles: Serra dos Órgãos, Serra da Bocaina e Serra da Graciosa, que surgiram da imaginação popular, como lembra Guimarães (1962). Situação similar ocorreu em vários outros países.

Uma das primeiras montanhas no mundo a ter o nome trocado pelos europeus foi o Monte Pascoal (536 m), que certamente era chamado por outro nome pelos índios tupiniquins e pataxós. Os portugueses viram o primeiro sinal de terra do continente no dia em que se comemora a Páscoa, no ano de 1500, e por isso eles deram este nome desprezando completamente a cultura nativa, como já é conhecido. No período da colonização os jesuítas e os bandeirantes deram alguns nomes, mas foi muito tempo depois, já como país oficialmente católico é que foi dada a maioria dos nomes pelos habitantes locais, muitos deles com nomes de origem cristã: Dedo de Deus, Santo Antônio, São João, Pico do Cruzeiro, Pico das Almas, Pico do Frade, etc. Alguns desses nomes são tão comuns que existem muitas montanhas homônimas, como Pedra da Cruz e Pico do Frade.

Até a década de 1940 ainda se dava nomes às montanhas importantes em áreas que já tinham sido ocupadas, a exemplo do estado do Paraná. Maack (1968) fez um levantamento da Serra do Mar paranaense em 1941, inclusive estudando a sua origem, e deu nome a algumas montanhas, entre elas, o Pico Paraná (1922 m), que ele descobriu ser a montanha mais alta da

Região Sul. Mas certamente ela devia ter um nome original tupiniquim, mas acabou ganhando um outro nome indígena, dado por um alemão. Na Amazônia Legal, os levantamentos cartográficos são relativamente recentes e até a década de 1970 ainda davam-se nomes às montanhas da região, como: Pico da Neblina (2.993 m) e 31 de Março (2.972 m), entre outras. Mas ainda existem muitas montanhas sem nomes conhecidos ou mesmo sem nome na imensa Amazônia.

Até os dias de hoje os montanhistas têm dado nomes a diversas montanhas que passam “desapercebidas” da população local, como tem ocorrido recentemente no estado do Espírito Santo, como indicam Faria (2004) e Ilha (2004). Nesse estado, como também acontece em outros, existem muitas elevações como pontões, entre outros tipos geomorfológicos, mas que a população local nunca se interessou em batizá-los, exceto os mais importantes ou proeminentes. O mesmo deve ter ocorrido também na época em que essas terras eram habitadas pelos índios. De qualquer forma, esse tipo de informação se perdeu e não há mais como recuperar, salvo algumas raríssimas exceções. O fato é que existia uma “geografia dos índios”, como já é de conhecimento de muitos profissionais que trabalham com o tema. Mas como os índios não dominavam a escrita, usavam apenas de suas capacidades mentais para criar mapas abstratos. Neles, as montanhas e serras que mais sobressaíam recebiam seus nomes, geralmente ligado à descrição de algum fato ou fenômeno natural. Este é um vasto campo que ainda está aberto para ser pesquisado.

AS AMÉRICAS

Quando se fala em substituição de nomes de montanhas, o Monte McKinley (6.194 m) é um dos melhores exemplos. De acordo com Sherwonit (2000), quando o Alasca ainda fazia parte da Rússia, o que ocorreu até o século XIX, os exploradores russos já conheciam essa montanha com o nome *Bulshaia Gora*, o que quer dizer “Grande Montanha”. Porém, muito antes dos russos, as tribos nativas da cultura Atabasca, de origem *inuit* (esquimós), já tinham alguns nomes para ela, entre eles: *Dghelay*, *Ka'a* e *Deenaalee*. Deste último derivou-se o nome *Denali*, que originalmente significa “o maior”. Em 1889, os exploradores americanos em busca de ouro avistaram a montanha e em 1897 ela foi batizada oficialmente com o nome do candidato à presidência dos Estados Unidos, William McKinley, nome pelo qual essa montanha ficou mundialmente conhecida. O mesmo ocorreu no resto do território norte americano (EUA e Canadá), a maioria das montanhas tem nome de famílias européias ou outros nomes que viessem da imaginação popular dos novos colonizadores. Entre as montanhas mais importantes, nenhuma tem nome originado na língua dos antigos nativos da América do Norte.

Na América do Sul existem duas situações diferentes. Nos países andinos a influência da cultura Inca era muito forte e neles, a maioria dos nomes das montanhas de origem inca permaneceu, tais como: Aconcágua (6.960 m), Huascaran (6.768 m), Llullaillaco (6.723 m), Yerupujá (6.632 m), Incahuasi (6.601 m), Illimani (6.485 m) e Alpamayo (5.947 m), entre milhares de outros. O mesmo ocorreu na América Central e no México, devido à influência das culturas Maia e Asteca, como exemplo as montanhas Citlaltepetl (5.700 m) e Popocatepetl (5.452 m). Porém, de acordo com Garret (1982), antes mesmo desses impérios, havia várias outras culturas avançadas para a época (entre os séculos V e X) vivendo nos Andes Centrais, entre elas: Chimú, Pachacamac e Tiahuanaco. Mas elas deixaram de existir por causa da expansão do Império Inca. Ou seja, provavelmente muitas das montanhas mais importantes dos Andes já tinham nomes, mas que foram substituídos pelos incas. Lembrando que a região andina já era habitada há mais de 5.000 anos antes do presente.

Em terras mais inóspitas e longe da influência desses antigos impérios, como na Patagônia, expedições de alpinistas estrangeiros, além dos argentinos e chilenos, ainda davam nomes às montanhas menos importantes até a década de 1950. O Fitz Roy (3.441 m), que é uma das montanhas mais conhecidas da Patagônia e também do mundo, foi batizado por um geógrafo argentino no final do século XIX, em homenagem ao capitão do navio inglês Beagle, que tinha a bordo o naturalista Charles Darwin. Segundo Kearney (1993), o nome original pela língua dos tehuelches é *Chalten*, que quer dizer “aquele que fuma”. Isso ocorre porque são famosas as terríveis tempestades que assolam a Patagônia e no topo das montanhas mais altas formam-se nuvens lenticulares, o que geralmente é um prenúncio da chegada das tempestades. Os índios

acreditavam que a montanha era um vulcão por causa das nuvens e das plumas de cristais de gelo que o vento arrasta do topo, parecendo fumaça. Este é o motivo dos índios chamá-la de “montanha que fuma”. Outros exemplos de nomes de europeus nas montanhas no sul da Patagônia são: Bertrand (3.170 m), Poincenot (3.036 m), Agassiz (2.940 m), MacAndrews (2.800 m), Saint Exupéry (2.680 m) e Guillaumet (2.539 m), entre muitas outras.

ÁSIA

Outro caso famoso é o nome do Monte Everest (8.850 m), que era conhecido por vários nomes. Ahluwalia (1978) mostra que os tibetanos davam à montanha cinco nomes: *Chome Kankar*, *Chholungbu*, *Chomo Lungmo*, *Chomo Uri* e *Chomo Lungma*. A palavra tibetana *chomo* significa “santíssimo”. Hoje, o Everest é conhecido como *Chomolungma* pelos tibetanos e *Sagarmatha* pelos nepaleses. Porém, entre 1849 e 1855, os picos do Himalaia foram mapeados e ninguém imaginava que eles poderiam ser os mais elevados do planeta. A equipe que mediu a altitude da montanha era indiana, mas o chefe geral do Serviço de Levantamento Topográfico da Índia era o inglês George Everest. A equipe também trabalhou no Nepal e no Tibet, que na época estavam sob influência do Império Britânico. Assim, eles resolveram homenagear o George Everest, mas o próprio governo tibetano foi contra. Porém, nos mapas impressos a montanha recebia o nome de Everest, e assim ela ficou sendo conhecida no Ocidente.

Quase todas as outras montanhas do Himalaia continuaram com seus nomes originais, por exemplo: Annapurna (8.075 m), Cho Oyo (8.201 m), Kangchenjunga (8.598 m), Makalu (8.481 m), Manaslu (8.156 m), Lhotse (8.516 m), Dhaulagiri (8.172 m), Shishapangma (8.012 m) e Nanga Parbat (8.126 m), entre milhares de outras. O K2 (8.611 m), a segunda montanha mais elevada da Terra, situada no Paquistão, foi uma das poucas exceções mas que também era conhecida com outros nomes, como *Godwin Austen*, que foi um coronel britânico que liderou o levantamento topográfico da área. Porém, os montanhistas adotaram o nome K2, que era o código que a montanha recebeu no levantamento cartográfico. Mas os nomes nativos, *Chogori* e *Dapsang*, são completamente ignorados.

Abusos burocráticos em relação à nomeação das montanhas foram cometidos em alguns países. Na antiga União Soviética, montanhas do Pamir foram rebatizadas com nomes tais como: Pico Lênin (7.105 m) e Pico Comunismo (7.495 m). Com a divisão da União Soviética, as montanhas do Pamir voltaram a pertencer a seus países originais, Curgistão e Tajiquistão, mas resta saber se estes nomes vão ser mantidos ou não.

Um outro problema é a tradução dos nomes originais das montanhas que pode gerar alguns problemas, ou mesmo a adoção de nomes diferentes dos originais, publicados em mapas estrangeiros. Por exemplo, a montanha de maior altitude da Turquia é conhecida no Ocidente como Monte Ararat (5.165 m), porém, os turcos a conhecem como *Agri Dagi*. Na China, o Wuluk Omushih Ling (7.723 m) é conhecido no ocidente como *Muztag*. Porém, é desconhecido do autor se houve uma troca de nome durante a Revolução Cultural, porque essa montanha fica na fronteira norte entra a China e o Tibet.

OCEANIA, ANTÁRTICA E ÁFRICA

Os britânicos foram os que mais deram nomes às montanhas ou influenciaram na escolha dos nomes nos países das colônias britânicas e também em outros países em todos os continentes. Para entender isso basta uma simples observação nos Atlas ou nos mapas continentais. Por exemplo, isso aconteceu durante a viagem de James Cook pelos oceanos Atlântico, Pacífico e Índico em três períodos, 1768-1771, 1772-1775 e 1776-1779. Não é a toa que montanhas famosas, como é o caso da mais alta da Nova Zelândia, se chama Monte Cook (3.753 m). Outras expedições inglesas também deixaram suas marcas, como a do capitão Robert Fitz Roy entre os

anos 1831 e 1836, mencionada anteriormente, e também a do navio H.M.S Challenger, entre 1872 e 1876.

Situação diferente ocorreu na Antártica. Como era um território completamente inexplorado e desabitado até o início do século XX, expedições de diversos países mapearam os acidentes geográficos e deram nomes muitas vezes relacionados aos seus países de origem, promovendo assim certa regionalização do continente. Como foram os ingleses os maiores exploradores das terras antárticas no final do século XIX e início do século XX, é natural que a maioria dos nomes das montanhas seja de origem britânica, mas no geral, existe uma diversidade de nomes originados em diversos países, entre eles: Vinson (4.897 m), Berlin (3.498 m), Takahe (3.398 m), Kyrkjeskippet (3.083 m), Ulvetanna (2.931 m) e Trollslottet (2.737 m).

Na África a situação é bem diferente porque não houve interesse dos europeus em se instalar definitivamente no continente, como aconteceu nas Américas e na Austrália. Por outro lado, a cultura árabe é muito forte e deve ter inibido o processo de troca de nomes, a exceção é o sul do continente. A Namíbia teve forte influência germânica e as montanhas foram rebatizadas com nomes como: Brandberg (2.606 m), Auasberg (2.483 m) e Groot Karasberge (2.202 m), além de outros. A África do Sul teve forte influência germânica e britânica, a exemplo da montanha Winterberge (2.369 m), entre muitas outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por tudo isso é que nomear montanhas virou uma “guerra de culturas”, ter o nome do conquistador ou colonizador na parte mais alta da possessão é um simbolismo que em alguns casos lembra um troféu. Nos dias de hoje fica mais difícil trocar o nome de uma montanha porque existem muitos mapas que os documentam. Resta saber se esse movimento foi típico dos períodos passados quando ocorria a dominação das culturas mais fracas pelas as mais fortes, ou se ainda existe alguma chance desse processo se repetir no futuro. Seria muito ingênuo acreditar que o domínio de uma cultura sobre a outra e a substituição de nomes é coisa do passado, porque no futuro ainda pode ocorrer de outras formas, talvez, com menor intensidade. Se no planeta Terra não há muito mais a ser explorado, os outros planetas e planetóides próximos são mundos a serem desvendados. Em Marte, por exemplo, as montanhas mais importantes já receberam nomes. Lembrando que quase toda a superfície desse planeta já foi mapeada com cartas topográficas na escala de 1:100.000, ou seja, o levantamento cartográfico é melhor do que os feitos em alguns países pobres. O mesmo ocorreu na Lua e agora é a vez de Vênus e satélites de Júpiter e Saturno. Mas será que algum dia esses planetas também irão vivenciar uma guerra de culturas alienígenas, neste caso, de origem terrestre?

Hoje já existem movimentos que lutam para que os nomes nativos de algumas montanhas, pelo menos as mais importantes, sejam reconsiderados, como exemplo: *Chomonlugma* e *Denali*. No Brasil, seria interessante desenvolver mapas com a toponímia baseada nas línguas nativas, mesmo que não exista mais índios em cidades como a do Rio de Janeiro. Mas seria uma forma de reconhecer e agradecer a influência dessas culturas em nossas vidas ou, por outro lado, de termos invadido e menosprezado as culturas que já existiam aqui antes de nós.

Observação: Todas as altitudes citadas no texto são relativas às medições mais recentes, divulgadas ou pela mídia ou pelos órgãos competentes.

REFERÊNCIAS

AHLUWALIA, H.P.S. *Faces of Everest*. Bombay: Vikas Publishing House, 1978, 238p.

FARIA, A.P. As primeiras escaladas brasileiras. *Headwall*, n. 10, p. 30-36, 2004.

GARRET, G.M. Archaeology of South America. *National Geographic Magazine* (mapa), 1982.

- GUIMARÃES, F.M.S. O Termo Geográfico "Serra". **Boletim Geográfico**, ano 25, p. 755-761, 1964.
- HUXLEY, A. **Mountains**. New York: Putnam's Sons, 1962, 383 p.
- ILHA, A. Novas Conquistas no Espírito Santo. **Informativo do Clube Excursionista Carioca**, ano 58, n. 5, 2004.
- KEARNEY, A. **Mountaineering in Patagonia**. Seattle: Cloudcap, 1993, 143 p.
- MAACK, R. **Geografia Física do Estado do Paraná**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968, 450 p.
- SHERWONIT, B. **Denali, a Literary Anthology**. Seattle: The Mountaineers, 2000, 267 p.
- VESILIND, P.J. Why explore? **National Geographic Magazine**, v. 193, n. 2, p. 40-69, 1998.

ANTONIO PAULO FARIA

(UFRJ, Departamento de Geografia - Professor Adjunto IV - Federação de Esportes de Montanha do Rio de Janeiro - Montanhista - Rua Romão Cortes de Lacerda 319 - Itanhangá, Rio de Janeiro, RJ - CEP 22753 042 - antoniofaria15@terra.com.br)

¹ SILVEIRA, María Laura (org.) **Continente em chamas: globalização e território na América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. 287 p. ISBN: 82-200-0677-9.